

DA REALIDADE PARA A TELEVISÃO? OS CORPOS COMO ESPAÇO SÃO CONSTANTEMENTE INVADIDOS E VIOLADOS

Maysa Aparecida Goronski¹

Natalia Lampert Batista²

RESUMO:

Notícias de violência contra mulher chegam até nós a todo momento, seja importunação sexual ou casos de feminicídio. A questão é, o que fazer com essas notícias? Como modificar um pouco a realidade da sociedade? Os corpos das mulheres são constantemente invadidos e violados, então nesta pesquisa, a partir das notícias da mídia é que se inicia a aplicação em duas turmas de nonos anos do ensino fundamental II, visando a discussão sobre todos os tipos de violência que uma mulher pode sofrer e os meios de denuncia para essas violências. Bem como, discussão da sociedade machista e misógina em que vivemos, e questões culturais da sociedade que podem ser modificadas. O corpo da mulher é um espaço que pertence somente a ela, e não pode ser invadido ou violado sem seu consentimento.

Palavras-chave: Geografia, feminismo, violência

RESUMEN:

Todo el tiempo nos llegan noticias de violencia contra las mujeres, ya sea acoso sexual o casos de feminicidio. La pregunta es, ¿qué podemos hacer con estas noticias? ¿Cómo cambiar un poco la realidad de la sociedad? El cuerpo de las mujeres es constantemente invadido y violado, por lo que esta investigación, basada en las noticias de los medios de comunicación, comenzó con dos clases de noveno grado de la escuela primaria II, con el objetivo de discutir todos los tipos de violencia que puede sufrir una mujer y los medios para denunciar dicha violencia. Así como debatir sobre la sociedad sexista y misógina en la que vivimos, y las cuestiones culturales de la sociedad que se pueden cambiar. El cuerpo de la mujer es un espacio que sólo le pertenece a ella y no puede ser invadido ni violado sin su consentimiento.

Palabras clave: Geografía, feminismo, violencia

INTRODUÇÃO

Muito se fala de violência contra a mulher, assédio, importunação sexual, que “Não é Não”, “respeita meu espaço”, “meu corpo minhas regras”, contudo nos deparamos a todo momento com violências sofridas por mulheres. Neste ano, ocorreu na tv aberta, em rede nacional, no reality show *Big Brother Brasil* um caso de importunação sexual realizado por dois homens brancos/famosos para com uma mulher mexicana e visitante do programa. A partir desse acontecimento, ficam algumas reflexões: se estes homens se sentem à vontade de invadir

¹ Mestranda de Geografia pelo Instituto Federal Catarinense – IFC maysagoronski@gmail.com

² Pós-doutora em Geografia Universidade Federal de Santa Maria – UFSM natalia.batista@ufsm.br

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

o espaço do corpo de uma mulher com milhares de câmeras, o que ocorre em outros espaços vividos pelas mulheres?

A violência contra mulher atravessa diversos tempos e espaços, elas são muito sutis porque estão enraizadas na estrutura da sociedade ou são escancaradas, como por exemplo nos feminicídios. É possível dizer que maioria das mulheres sofreu ou vai sofrer algum tipo de violência de gênero, Simone de Beauvoir (2019, p.98) cita que “[...] a superioridade é outorgada não ao sexo que engendra, e sim ao que mata”. O homem sempre se sentiu superior e a isso está atrelado a violência, e esse sentir-se determinou os papéis sociais da construção do que é ser homem e mulher.

Desde meninas ou jovens, já é possível perceber ou entender o que é violência, assédio ou importunação sexual, por exemplo ao questionar meninas de um nono ano do ensino fundamental II, sobre: quem já sofreu assédio na rua? Desde apenas com palavras ou até encostar nos seus corpos? Todas as meninas levantaram a mão, sem exceção. De acordo com Carla Savian em sua pesquisa sobre direito a cidade, ela aborda sobre essas violências vividas pelas mulheres em espaços públicos, e ressalta a importância da lei criada em 2018, de importunação sexual.

[...] importunação sexual como uma lei que zela pela garantia da vida urbana das mulheres. A partir dessa nova tipificação penal, é colocada ênfase em diversas temáticas relacionadas à mulher e se abre todo um novo campo de debate acerca da violência contra as mulheres, incluindo o âmbito do espaço público e a possibilidade de se pensar políticas públicas de combate à violência urbana e contra as mulheres. (SAVIAN, p.17)

Essas violências já sofridas enquanto jovem, podem fazer essas meninas se moldarem ou adaptarem seus corpos como espaço e também seus corpos no espaço. Contudo, elas também podem ser resistência e lutar por seus direitos, principalmente quem tem acesso ao conhecimento de seus direitos desde jovens.

O que acontece na televisão, pode ser a abertura para uma discussão dentro do ensino de Geografia, pois abordar o espaço vivido e sentido das mulheres, abordar as estatísticas violentas contra as mulheres, explicar como essa cultura enraizada de violências pode e deve mudar, seja a partir de manifestações, políticas públicas, conversas, é essencial estar nas discussões das aulas de Geografia. Sendo assim, a pesquisa visa a inserção do enfrentamento da violência de gênero, com ênfase para a importunação sexual, nas aulas do nono ano do ensino fundamental.



METODOLOGIA

De acordo com a metodologia científica, esta pesquisa, quanto à sua natureza, será uma pesquisa aplicada, pois pretende gerar novas estratégias de ensino de Geografia, com um tema transversal que é o enfrentamento da violência de gênero, com ênfase para importunação sexual. Quanto a sua abordagem será qualitativa, pois sua aplicação tem como objetivo uma roda de conversa com estudantes, objetivando analisar suas percepções acerca do assunto levantado. Referente aos procedimentos técnicos, está é uma pesquisa de caráter bibliográfico, o qual foi realizado um levantamento de pesquisas sobre feminismo, violência de gênero e ensino de Geografia, utilizando o google acadêmico, Portal Periódico da Capes e livros de acervo pessoal.

O público-alvo para o desenvolvimento desta pesquisa foram os nonos ano do Ensino Fundamental II, pois são estudantes com um entendimento maior da sociedade, com a faixa etária de 13 a 15 anos. Onde foram trabalhados com temas de violência de gênero, importunação sexual e assédio que apareceram nas mídias nos últimos tempos, objetivando a abordagem das leis de proteção e por fim uma roda de conversa com as percepções dos(as) estudantes, e por fim a criação de contos abordando alguma violência contra mulher.

REFERENCIAL TEÓRICO

Quando pensamos em violência, vem à mente as cenas mais cruéis, muito provavelmente sanguinárias, contudo, existem diversas formas de violência, algumas sutis, outras, muitas vezes, nem reconhecidas como uma violência. A violência ao feminino é tão expressiva e velada que está em muitos âmbitos da sociedade, por exemplo, como ressalta Perez (2022) ao destacar que em pesquisas antropológicas, por muito tempo, acreditou-se que esqueletos enterrados com armas seriam homens, sem sequer supor que poderiam ser de mulheres. Mesmo com exames de DNA, muitas pesquisas questionam a existências de mulheres guerreiras. Em muitas línguas, em que há flexão de gênero, toma-se o “masculino como genérico”, como se fosse uma denominação neutra, mas como aborda Perez (2022), “É compreendido esmagadoramente como masculino”.

As violências interpessoais comumente são cometidas por quem detém maior poder ou força, como por exemplo, homens contra mulheres. Esse tipo de violência teve várias denominações ao longo do tempo. Bandeira denomina como violência de gênero.

[...] entende-se que as ações violentas são produzidas em contextos e espaços relacionais e, portanto, interpessoais, com cenários sociais históricos não uniformes. [...] sejam estas violências físicas, sexuais, psicológicas, patrimoniais ou morais, tanto

no âmbito privado-familiar como nos espaços de trabalho e públicos (BANDEIRA, 2019, p. 295).

Por muito tempo, tentou-se justificar a violência contra mulher como sendo “defesa da honra” ou por meio de frases prontas, como “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Infelizmente, esses pensamentos antigos e inadequados ainda são reproduzidos na sociedade. Em muitos espaços privados, não há mudanças culturais e sociais de comportamento, mesmo com os avanços das leis de proteção a mulher, a violência de gênero é muito presente na sociedade. Essas violências citadas por Bandeira, invadem o espaço do corpo, o qual também é um espaço geográfico, de acordo com Campos e Silva.

Os corpos são capazes de criar as condições de sua existência cotidiana, de reproduzir outros corpos e vivenciar estágios corporais como a juventude, velhice, saúde, doença e deficiência que instituem, por sua vez, distintas espacialidades. Portanto, o corpo é móvel, fluído e sua materialidade está eternamente em negociação com a exterioridade. (CAMPOS, SILVA, 2020 p. 105).

Portanto, o corpo é um espaço pois se organiza na sociedade dentro das possibilidades que lhe são apresentadas. Por exemplo, muitas vezes a mulher vai deixar de usar determinadas roupas, cabelo ou maquiagem, porque os ambientes que ela está não aceita a corporeidade de determinadas formas. Essa mulher ou ela se adapta e faz o que não é de sua vontade, ou ela resiste e enfrenta, para mudar a configuração, e utilizar o espaço de seu corpo como quiser. Como cita Campos e Silva (2020, p.105), “Os fluxos de poder agem sobre o corpo que não é um espaço passivo, ele pode se ajustar e internalizar a ordem, mas também criar resistências”. Contudo, nossa sociedade é estruturada no sistema patriarcal, em que homens detém o poder, o espaço é pensado e definido para eles, mesmo havendo muitas resistências e enfrentamento, os corpos de mulheres são invadidos, violados e comandados por homens.

Falar sobre espaço em uma pesquisa voltada ao ensino, é preciso também pensar e analisar como o espaço escolar está estruturado e organizado para os corpos das meninas e dos meninos, pois muitas vezes esse espaço escolar é misógeno e sexista, como por exemplo pensando em regras de vestimentas, normalmente são voltadas para as meninas e as justificativas de algumas escolas ainda são “vocês precisam se dar o respeito”, uma frase extremamente violenta quando pensamos em violência de gênero. De acordo com Lindón (2012 p.706) “Es mediante la corporeidad que el individuo se apropria del espacio y el tiempo que le acontece, lo transforma y le da cierto valor. Por ello la corporeidad permite saber pensar, ser y hacer el espacio vivido”. É a partir da corporeidade que as pessoas se apropriam dos espaços, e começam a entender, a fazer parte, pensar com o espaço. Se o estudante não consegue se

apropriando do espaço escolar, ele(ela) não conseguirá sentir-se parte dele e muito menos pensar sobre ele, ou seja, ele vai ter aversão aquele lugar pois sua corporeidade não se encaixa nele.

As pesquisas estatísticas nos mostram altas porcentagens de violência contra as mulheres, por exemplo, lesão corporal está nos tipos de violências mais recorrentes na pesquisa do Brasil, atingindo 68% das mulheres (BRASIL, 2021) e, de acordo com a pesquisa de Cavalet (2020) no município de Caçador/SC, 27% de mulheres que sofreram violências físicas as denunciaram. Assim, a partir das estatísticas nacionais, regionais e até locais sobre as violências sofridas pelas mulheres, que se analisa que os corpos femininos têm seus espaços violados, e ressalta-se a importância da abordagem do enfrentamento dessas desigualdades no ambiente escolar, e nas aulas de Geografia. Lana de Souza Cavalcanti defende uma educação mais diversa, mais cidadã.

[...] uma orientação para que uma reflexão sobre a diversidade cultural parta do entendimento de que esta é uma das maneiras de vivenciar outras diferenças, todas elas marcadas pelo quadro da desigualdade social. [...] é a possibilidade, no ensino, se atentar para as diferenças entre os alunos quanto a diversos aspectos, destacando-se classe social, gênero, raça, etnia, sexualidade, religião, idade, linguagem, origem geográfica (CAVALCANTI, 2019, p. 69).

Atentar-se para as diferenças e diversidade na escola, possibilita uma educação mais igualitária em que possa haver uma pequena mudança na estrutura da sociedade, nas construções sociais do papel de homem e mulher, na diminuição das violências, e na percepção do corpo como espaço e presente no espaço.

Como já mencionado, em uma conversa rápida com meninas do nono ano, todas já sofreram algum tipo de importunação sexual nos espaços públicos. Neste sentido a pesquisa abordou em sala de aula as temáticas de violência de gênero com ênfase para assédio e importunação sexual, as quais aparecem nas mídias seja tv ou redes sociais, para que as estudantes conheçam seus direitos perante as leis, bem como para analisar as percepções e reflexões do espaço vivido por essas meninas e meninos, isto a partir de uma roda de conversa, a fim de que eles compreendam como a utilização do espaço está estruturada e as possibilidades de mudança do mesmo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No espaço escolar é importante que tenha as mais diversas discussões, seja elas no âmbito das áreas do conhecimento seja elas no âmbito da vivência em sociedade, pois um dos papéis da escola é formar cidadãos para a sociedade, além dessas diversas discussões é

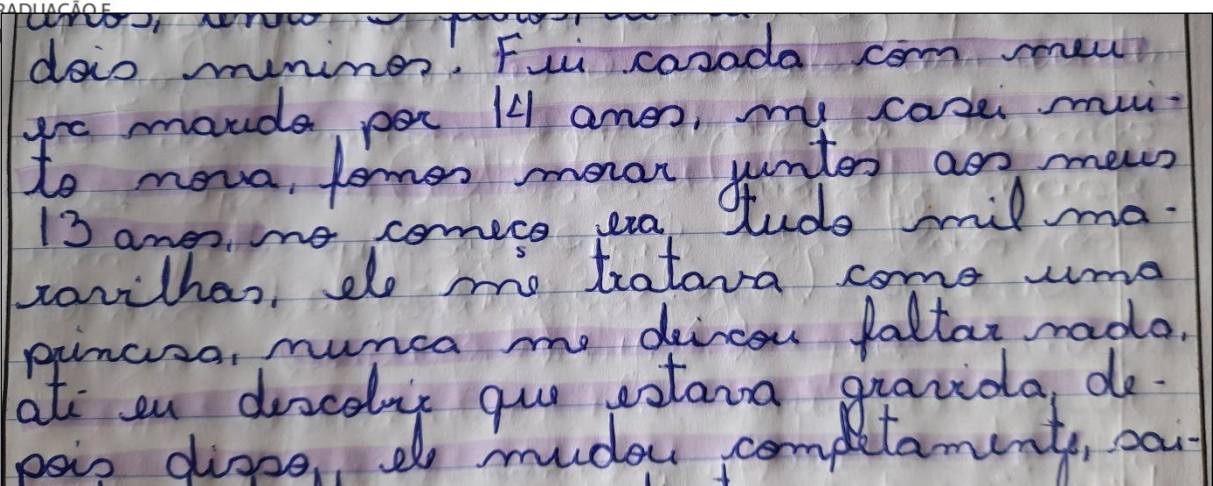
importante que seja um espaço de acolhimento ao estudante. Contudo, há muitas escolas que fazem o caminho contrário, as quais não permitem discussões de determinados assuntos, tornam a escola com regras muito sexistas quando pensamos em diversidade, e ainda reproduzem falas misóginas para com seus estudantes.

Esta pesquisa aplicada nas aulas de Geografia foi contrária a algumas ações das escolas, mas como defende Lana de Souza Cavalcanti (2019 p.71) “O espaço da sala de aula deve ser, portanto, um espaço democrático, que rejeita o monoculturalismo, ainda que a referência institucional desse espaço seja a cultura sistematizada, o conteúdo curricular instituído.”, ou seja, dentro do ensino de Geografia foi realizado o caminho contrário das escolas, ao abordar temas que burocraticamente não estão nos currículos, mas que são essenciais para esses jovens em questão.

Neste sentido, as aulas abordaram as violências sofridas pelas mulheres, para iniciar a discussão, foram mostrados os títulos de manchetes que apareceram na mídia neste ano do Brasil, principalmente com famosos e da região, sobre importunação sexual e crime de estupro. Além de mostrar dados estatísticos, das violências sofridas por mulheres no município de Caçador. Com essas discussões, foram exemplificados todos os tipos de violência, em quais leis criminais se encaixam e como denunciar essas violências sofridas.

Em conversa com as(os) estudantes, sobre importunação sexual todas as meninas relataram episódios desse tipo de violências nas ruas, sendo que a maioria delas relata que esses atos são realizados principalmente por homens mais velhos. Essa discussão se estendeu para as violências em relacionamentos, que principalmente se inicia com a violência psicológica e que ocorre um processo até chegar à violência física, ressaltando que é preciso ficar atenta aos sinais. Pode ser que vocês se perguntem: não é muito precoce falar sobre esses assuntos com nonos anos? Muitos dos jovens do nono ano já começam a ter pequenos relacionamentos entre eles, e infelizmente há nesses nonos que foi aplicado o projeto, meninas que estão casadas, então é importante esses estudantes terem acesso as estas informações já nesta idade.

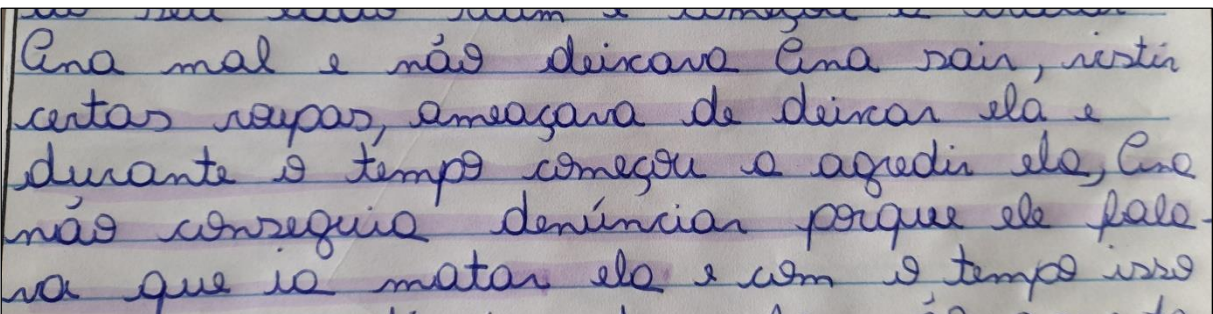
Após as discussões foi proposto aos estudantes as produções de contos com algum tipo de violência contra a mulher, a maioria dos estudantes se dividiu em duplas para realizar os contos alguns escreveram individualmente. Ao analisar os contos, a maioria das histórias tiveram finais felizes, em que as mulheres conseguiram denunciar as agressões e se desvencilhar do agressor. Assim como, a maioria das histórias foram sobre violência doméstica, muitas delas iniciaram com um casamento na adolescência, como é possível verificar na Figura 1, bem como as violências começam depois de uma gravidez.



...
dois meninos. Fui casada com meu
ex marido por 14 anos, me casei mui-
to nova, fomos morar juntos aos meus
13 anos, no começo era tudo mil ma-
xarilhas, ele me tratava como uma
princesa, nunca me deixou faltar nada,
até eu descobrir que estava grávida, de-
pois disso, ele mudou completamente, sai-

Figura 1 – trecho de um conto produzido nas turmas de nonos anos

Ainda, nessas histórias de violência doméstica a maioria dos estudantes abordou as violências psicológicas como iniciais, com algumas seguidas de físicas, e ameaça de morte como é possível ver no trecho da Figura 2.



...
Uma mal e não deixava Ana sair, vestia
certas roupas, ameaçava de deixar ela e
durante o tempo começou a agredir ele, Ana
não conseguiu denúncia porque ele fale-
va que ia matar ele e com o tempo isso

Figura 2 - trecho de um conto produzido nas turmas de nonos anos

Foram poucas histórias escritas sobre importunação sexual, estupro por desconhecidos e de feminicídios. Contudo, quase todos abordaram em seus contos sobre os canais de denúncias. Teve uma história em que a mulher continuou no relacionamento abusivo, e abandonou seu filho com a avó (Figura 3), onde é possível analisar que os estudantes entenderam que muitas vezes as mulheres não conseguem sair da violência sozinhas, muitas precisam de ajuda, pois o amor ou dependência por aquela pessoa não permite que ela se liberte.



em seu filho e mandou Fernanda
escolher entre ele ou seu filho, onde
Fernanda desesperada resolveu
mandar seu filho para morar com
sua avó... O filho não sabe mais
nada como está a vida da mãe etc.

Figura 3 - trecho de um conto produzido nas turmas de nonos anos

Portanto, foi possível notar uma aceitação positiva por parte das(dos) estudantes nos nonos anos, em que muitos mostraram um breve conhecimento sobre o assunto, sempre muito indignados com as violências que as mulheres sofrem, muitos não tinham a compreensão de que essas violências tem uma questão cultural e histórica, e que precisa ser alterada com o tempo. Abordar sobre esses temas transversais em sala de aula, é muito importante para que os estudantes conheçam os meios de denúncia, entendam o por que ocorre esses fatos na sociedade e sintam-se acolhidos e seguros em contar se acaso estejam sofrendo algum tipo de violência.

Sendo assim, abordar assuntos sobre as mulheres dentro de sala de aula é abordar sobre o feminismo, e como cita bell hooks (2019 p.150) "[...] o amor tem o poder de nos transformar e nos dar força para que possamos nos opor à dominação. Escolher políticas feministas é, portanto, escolher amar", trabalhar com esses assuntos no ensino de Geografia, é se opor ao currículo engessado, é se opor as regras sexistas e misóginas das escolas, é acolher os estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, esta pesquisa visa problematizar como os corpos são invadidos e violados nos mais diferentes espaços seja público ou privado, trazendo esses assuntos para o ensino de Geografia, de uma forma que esclareça aos estudantes os direitos adquiridos pelas leis ao longo do tempo em nosso país, e reflexões de como nossa sociedade é estruturada no sistema patriarcal e capitalista, a qual invalida, diminui, e violenta mulheres. A pesquisa proporcionou importantes discussões com os estudantes dos nonos anos, onde os mesmo explanaram seus pensamentos e opiniões, além de compreenderem melhor as estruturas culturais da sociedade e como eles podem ir modificando esta estrutura. Com a produção de contos, percebeu-se que as(os) estudantes tiveram um boa compreensão sobre o assunto.

Portanto, abordar essa temática dentro do ensino de Geografia, é tornar a educação geográfica mais diversa, acolhedora em que, os estudantes tenham maior possibilidade de



compreender o seu espaço de vivência e torna-los cidadãos ativos na sociedade, onde eles poderão indagar, questionar e reivindicar mudanças sociais, para uma melhor vivência das mulheres nos espaços.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Loudes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

Campos, M. P. de, Silva, J. M., & Silva, E. A. (2021). ‘Teu corpo é o espaço mais teu possível’: Construindo a análise do corpo como espaço geográfico. *Revista Da ANPEGE*, 16(31), 101–114. <https://doi.org/10.5418/ra2020.v16i31.10750>

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de Geografia e diversidade: Construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. CASTELLAR, Sonia (org.). **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. São Paulo: Contexto, 2019.

CAVALET, Andrea Alves. **A Violência Contra Mulheres Na Cidade De Caçador**. Universidade Alto Vale Do Rio Do Peixe – Uniarp: Caçador: Uniarp, 2020

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LINDÓN, Alicia. “Corporalidades, emociones y espacialidades: hacia un renovado betweenness”. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 11, n. 33, pp. 698-723, Dezembro de 2012. ISSN 1676-8965

PEREZ, Carolina Criado. **Mulheres Invisíveis: o viés dos dados em um mundo projetado por homens**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022

XV
ENAN
PEGE

ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA EM SEGURANÇA



SAVIAN, G. P. **Cidade das mulheres? A geografia da violência contra as mulheres em Santa Maria/RS: direito à cidade em perspectiva.** Universidade Federal de Santa Maria – UFSM: Santa Maria, 2023.